

Maria no diálogo ecumênico. Contribuições para as relações entre católicos e protestantes na América Latina

ELIAS WOLFF

*Programa de Pós-Graduação em Teologia
Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

eliaswolff@pucpr.br

 <http://orcid.org/0000-0003-2479-2340>

Resumen: El artículo reflexiona sobre María, la virgen de Nazaret, a la luz de una perspectiva ecuménica en América Latina. Muestra cómo el tema ha sido controvertido entre católicos y protestantes, explica las divergencias en los campos de la teología y la pastoral, y señala los avances en el diálogo ecuménico actual. El método de investigación ha sido un análisis cualitativo de la bibliografía sobre María, de teólogos de las distintas iglesias. Los resultados indican las posibilidades para que las iglesias de América Latina alcancen convergencias sobre el lugar y el papel de María en la economía de la salvación, como figura de la Iglesia y del discipulado de Cristo para nuestro tiempo.

Palabras claves: María, llena de gracia, dogmas, devoción, ecumenismo, Iglesia, América Latina

Abstract: This article reflects on Mary, the Virgin from Nazareth, from a Latin American ecumenical perspective. After acknowledging the controversial nature of the subject among Catholics and Protestants, the article details how their approaches differ in the fields of theology and pastoral care and then highlights developments in current ecumenical dialogue. This analysis is accomplished through a qualitative literary review of Marian-related works by theologians from these two branches of the church. The results point to areas of agreement for churches in Latin America regarding the place and role of Mary in the economy of salvation, as a figure of the church, and for Christian discipleship in our time.

Keywords: Mary, full of grace, dogmas, devotion, ecumenism, church, Latin America

INTRODUÇÃO

A vinda de Deus ao mundo na pessoa de Jesus Cristo é a afirmação central da fé cristã, da qual emergem a igreja e a sua missão, como participação na economia divina¹. Daí surgem doutrinas que elaboram temas teológicos complexos como a concepção de Deus Uno e Trino e sua revelação para a humanidade; questões cristológicas como a encarnação da divindade na pessoa de Jesus; questões eclesiológicas, sobre a concepção de igreja; questões sobre missão, revendo seu objetivo, método e sua finalidade. Nesse contexto situa-se a pessoa de Maria, a quem o anjo Gabriel aparece anunciando que seria a mãe do Salvador (Lc 1,26-38).

Não obstante o fato de as igrejas protestantes não desenvolverem uma mariologia, é importante recordar que Lutero escreveu um dos principais comentários já feitos sobre o *Magnificat* (Lc 1, 46-55)², e outros reformadores também trataram de Maria³. Ela é, hoje, objeto de diálogo entre as igrejas e nas organizações ecumênicas. O objetivo desta pesquisa é retomar esses diálogos e desenvolvê-los em perspectiva latino-americana. O método que utilizamos é a análise qualitativa da bibliografia ecumênica sobre Maria. Para isso, priorizamos a bibliografia que possibilita conhecer algo do pensamento dos reformadores sobre Maria, documentos das igrejas na atualidade, resultados do diálogo ecumênico, e trabalhos de teólogos/as que refletem sobre Maria e ecumenismo. Com esse procedimento metodológico, analisamos elementos doutrinários divergentes sobre Maria, apontamos caminhos para convergências e para uma hermenêutica ecumênica das doutrinas marianas na América Latina. Conclui-se, assim, que a pessoa e o papel de Maria estão intrinsecamente relacionados com os desígnios divinos para a humanidade, e as igrejas na América Latina são desafiadas a dialogar

¹ Pesquisa realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq Brasil, por meio da concessão de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa - Chamada nº 09/2022.

² M. LUTERO, *Magnificat: o Louvor de Maria* (Santuário, Aparecida; Sinodal, São Leopoldo 2015) (original alemão, 1521).

³ J. CALVINO, *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, Tomo I, Livro 2 (Cultura Cristã, São Paulo 2006) 234 (original francês, 1536); JOHN WESLEY, *The Works of John Wesley* (Baker Book House Company, Grand Rapids, MI 1978) 81.

sobre isso, visando um entendimento comum sobre a figura bíblica de Maria e sua relação com a fé em Cristo.

1. MARIA ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA

A fé cristã na América Latina, desde sua chegada com espanhóis e portugueses no século XVI, é marcada pelo catolicismo popular que tem Maria como figura central, com expressão na reza do terço, na procissão aos santuários, no uso de imagens, entre outros. Os dois maiores santuários marianos de todo o mundo estão na América Latina, que juntos reúnem 32 milhões de visitantes por ano: Nossa Senhora de Guadalupe no México, reúne anualmente cerca de 20 milhões de peregrinos⁴; e o santuário de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, recebe anualmente em torno de 10 milhões de fiéis⁵.

Em que consiste a “devoção mariana”? O conceito latino *devotio*, ou *dulia* em grego, está relacionado à dedicação, sacrifício, culto a algo ou alguém. No âmbito religioso, significa uma forma de piedade dirigida a alguém por suas virtudes religiosas, numa relação de veneração. Devoção e veneração à Maria têm o sentido de honrá-la, respeitá-la e mesmo louvá-la. Historicamente, as devoções marianas se desenvolveram a partir do Concílio de Éfeso (431), quando Maria ganha o título “Mãe de Deus” (*Theotókos*). Desde então, a ela são dedicadas orações e liturgias, textos, hinos e imagens, ressaltando suas virtudes. Surgem as festas em dias especiais, lembrando a sua concepção (08 de dezembro), o seu nascimento (08 de setembro), a sua apresentação (21 de novembro) e a sua assunção (15 de agosto).

Na Alta Idade Média, teólogos consideraram Maria como símbolo da Igreja. E de representante da Igreja, Maria passou a ser venerada como intermediadora entre Deus e o ser humano, associada à ação

⁴ J. NOGARA, “O Terço no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, coração mariano das Américas”, *Vatican News*, 26/05/2021, disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-05/terco-pandemia-mexico-guadalupe.html> (consulta: 05/07/2023).

⁵ M. ANDRADE, “Basílica de Aparecida foi o destino de 8 milhões de peregrinos em 2022”, *Santuário de Aparecida - A12*, 17/01/2023, disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/imprensa/releases/basilica-de-aparecida-foi-o-destino-de-8-milhoes-de-peregrinos-em-2022> (consulta: 05/07/2023).

salvífica de Cristo, de quem distribui graças aos fiéis e por quem é capaz de realizar milagres. Isso foi justificado por um corpo doutrinal sobre os méritos de Maria, como a pureza desde a sua concepção, modelo de santidade e de obediência a Deus. Ela é “cheia de graça” (Lc 1,28), o que justifica a maternidade de Jesus como a forma específica de Maria atuar na economia da graça de Deus no mundo. Com o tempo, foram definidos dogmas: a virgem Maria da Bíblia (Lc 1,27.34) passou a ser considerada “sempre virgem” no II Concílio de Constantinopla (553) (DH 422; 437), e mais tarde se definiram os dogmas da Imaculada Conceição (1854)⁶, mostrando que desde o início da sua vida Deus a preparou para a ser a mãe do Salvador, e da Assunção “em corpo e alma”⁷ na glória eterna (1950).

Em sintonia com o magistério católico universal sobre Maria (LG cap. VIII)⁸, a devoção mariana recebe um considerável espaço nos documentos dos bispos católicos latino-americanos. Nas Conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), Maria é apresentada como quem assiste a este continente, a “Padroeira das Américas”⁹; é “uma presença feminina, que cria o ambiente de família, o desejo de acolhimento, o amor e o respeito à vida. É presença sacramental dos traços maternais de Deus”¹⁰; aquela que “tem caminhada com nossos povos desde o primeiro anúncio de Cristo”¹¹; e as comunidades católicas

Nela veem refletida a mensagem essencial do Evangelho. Nossa Mãe querida, desde o santuário de Guadalupe, faz sentir a seus filhos menores que eles estão na dobra de seu manto. Agora, desde Aparecida, convida-os a lançar as redes ao mundo, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-

⁶ PIO IX, Bula *Ineffabilis Deus*, n. 422, em H. DEZINGER – P. HUNERMANN, *Echiridion symbolorum* (EDB, Bologna 1996) n. 2800-2804 (DH).

⁷ PIO XII, Constituição apostólica *Munificentissimus Deus*, n. 3903, em DH, n. 3900-3904.

⁸ Ver também João PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris mater* (Paulinas, São Paulo 1987). Os textos do Vaticano II são citados a partir de CONCÍLIO VATICANO II, *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II* (Paulus, São Paulo 2007).

⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM), *Conclusões da Conferência de Medellín* (Paulinas, São Paulo 1968) 34.

¹⁰ CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*, n. 291 (Paulinas, São Paulo 1979).

¹¹ CELAM, *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*, n. 48 (Loyola/CELAM, São Paulo 1992).

los da luz da fé. Ela, reunindo os filhos, integra nossos povos ao redor de Jesus Cristo¹².

As devoções marianas nas comunidades católicas latino-americanas recebem críticas da maioria absoluta do protestantismo existente na região, como irreconciliáveis com a fé cristã e, portanto, heresias. Não é uma questão apenas teórica, mas presente nas relações cotidianas entre as comunidades católicas e protestantes. Nisso tem papel importante o cristianismo pentecostal e neopentecostal, que atacam a figura de Maria num contexto de críticas aos santos católicos, como se observa em Edir Macedo, para quem os santos católicos são considerados demônios¹³. A agressividade não está presente apenas nas palavras, mas também em atitudes. No Brasil, o fato mais conhecido é o chute na imagem da santa dado pelo pastor neopentecostal Sérgio Von Helder, em 1995¹⁴. Uma década depois desse episódio, outro líder pentecostal, Marcelo Crivella, referiu-se ao ocorrido por meio de uma música na qual ironiza as devoções católicas¹⁵. Mais recentemente, um cristão pentecostal invadiu um templo católico em São Mateus do Sul, PR (Brasil), e quebrou 27 imagens de santos¹⁶. Também em outros países da América Latina, a figura de Maria é atacada junto a outros santos¹⁷.

¹² CELAM, *Conclusões da Conferência de Aparecida*, n. 265 (Paulinas/Paulus, São Paulo 2007).

¹³ E. MACEDO, *Orixás Caboclos e Guias - Deuses Ou Demônios?* (Univesal Produções, Rio de Janeiro 1990) 44.

¹⁴ T. ALCÂNTARA, "Vinte e seis anos após chutar santa, pastor volta a condenar 'idolatria'", *Metrópolis*, 12/10/2021, disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mais-de-20-anos-apos-chutar-santa-pastor-diz-que-e-estupido-ao-falar-da-biblia> (consulta: 03/06/2023).

¹⁵ I. NOGUEIRA, "Música de Crivella ironiza reação a chute em santa", *Folha de São Paulo*, 19/10/2016, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1824038-musica-de-crivella-ironiza-reacao-a-chute-em-santa.shtml> (consulta: 11/06/2023).

¹⁶ G1 PR e RPC, "Suspeito de quebrar 27 imagens religiosas em igreja do Paraná é preso", *Globo.com G1*, 11/10/2022, disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2022/10/11/homem-suspeito-de-quebrar-27-imagens-religiosas-em-igreja-do-parana-e-preso.ghtml> (consulta: 05/07/2023).

¹⁷ L. U. URTUBIA – M. A. MANSILIA (orgs), *La religión en Chile del Bicentenario* (CEEP, Concepcion 2011) 167-181; M. M. ULLOA, *La participación evangélica en la política*

Como explicar a aversão evangélica em relação à Maria? Em geral, acontece no afã de combater as doutrinas católicas e suas devoções populares, fortemente marianas. Nisso mostra-se desconhecimento da doutrina católica sobre os santos e Maria, confundindo elementos da mariologia católica com a cristologia. E mostra-se também ignorância das afirmações positivas que os reformadores do século XVI têm sobre Maria. Mas a raiz da aversão está no distanciamento que evangélicos fazem entre Maria e Cristo. De um lado, os evangélicos têm muita dificuldade de compreender o catolicismo popular. De outro, isso é consequência da observação de exageros nas devoções marianas que, mesmo se não correspondem à doutrina católica, são permitidos. Como exemplo, Maria junto à imagem da Trindade no Santuário do Pai Eterno, no Brasil, a inclui plasticamente Maria na divindade das três pessoas da Trindade, o que pode induzir fiéis a entender Maria como uma quarta pessoa no Deus cristão.

Nesse contexto, Maria é uma pedra de tropeço no caminho do diálogo entre católicos e evangélicos latino-americanos, ao lado do papado e dos ministérios na igreja. Da parte evangélica, ela é vista como alguém que desvia a atenção dos cristãos, que deveriam estar focados em Cristo. Poucos evangélicos têm clara a distinção entre veneração e adoração, de modo que entendem toda prática devocional à Maria como equivalente ao culto que se deve prestar unicamente a Deus.

2. ELEMENTOS DOUTRINAIS DA DISCÓRDIA

As igrejas em geral divergem das doutrinas católicas sobre Maria, sobretudo a virgindade perpétua, a intercessão e os dogmas. No meio evangélico, teme-se que tais doutrinas fragilizem a fé em Cristo como único mediador (1Tm 2,3-5; At 4,12), sendo Maria apresentada como cooperadora na ação salvífica e intercessora junto a Deus. Assim, a mariologia católica é considerada uma novidade arbitrária do

costarricense: El caso pentecostal y neopentecostal 1980-2018 (Universidade Nacional, Heredia 2022), disponível em: <https://repositorio.una.ac.cr/bitstream/handle/11056/22973/TESIS%20MONICA%20ULLOA%20GOMEZ%20VF.pdf?sequence=1&isAllowed=y> (consultado: 06/07/2023).

magistério eclesial, sem fundamento nas Escrituras e, por isso, heresia que atribui à Maria um papel independente de Cristo, ou mesmo equiparando a Ele como co-redentora, um falseamento da verdade cristã. Diz o teólogo luterano brasileiro sobre os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção:

Para as igrejas da Reforma essa doutrina é estranha ao Evangelho. Ela espelha uma indevida glorificação da natureza humana. Maria é destacada da comunhão dos santos, é elevada para a celeste glória e colocada junto ao Filho. Desta forma ela é co-redentora e mediadora de todas as graças.

Note-se, porém, que a Igreja Católica nunca afirmou Maria como co-redentora (não oficialmente, mas isso às vezes é ouvido entre os fiéis), não obstante o fato de os evangélicos assim interpretarem a doutrina católica sobre a ação mediadora/cooperadora de Maria no plano salvífico de Deus, com base ao “sim” (*fiat*) dado ao anjo.

Com o questionamento das doutrinas católicas sobre Maria, questiona-se a autoridade da igreja para definir dogmaticamente verdades de fé como vinculantes na comunhão eclesial. As igrejas concordam que todo ensino de fé deve ser “revelado por Deus”, o que significa “em conformidade com a Escritura”¹⁸. E perguntam se tal pode ser aplicado às doutrinas marianas, questionando o magistério católico como quem pode discernir o que é revelado, como ensina o Vaticano I, na constituição dogmática *Dei Filius* (DH 3020) e na *Pastor Aeternus* (DH 3069-3070), reafirmado pelo Vaticano II (DV 8-10).

Desse modo, Maria é uma das maiores dificuldades no diálogo ecumênico na América Latina, e está vinculada aos pontos centrais da fé cristã, como a pessoa de Cristo, a graça, a igreja. Cristãos em diálogo se perguntam se a restauração da comunhão entre as igrejas exige a aceitação dos dogmas marianos definidos pela tradição católica. E a Igreja Católica não consegue imaginar entre as igrejas uma comunhão “na qual a aceitação de certas doutrinas seria exigida de alguns e não de outros”¹⁹.

¹⁸ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA, *Maria: Graça e Esperança em Cristo*, n. 60.61 (Paulinas, São Paulo 2005).

¹⁹ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA, *Maria, graça e esperança em Cristo*, n. 63.

Como encontrar caminhos para superar tais divergências, de modo que as igrejas possam comungar na fé? Um passo importante é discernir o conteúdo essencial comum da fé, o que requer não obrigar uma igreja a aceitar a forma da fé de outra igreja²⁰. É importante verificar como isso contribui para que a relação à Maria não obscureça o que as igrejas já creem juntas.

2.1. O dissenso na expressão “sempre virgem”

O nascimento de Jesus por meio de uma *virgem* é uma questão teológica central e um dos pilares da fé cristã, pois relaciona-se com o mistério da encarnação do Verbo (Lc 1,26-28). Mas as igrejas divergem sobre a expressão “sempre virgem” (*aeiparthenos*), utilizada ao longo da história da igreja²¹ e enfatizada sobretudo a partir do segundo milênio. No primeiro milênio, tinha mais força a imagem de Maria como *mãe de Deus*, e no segundo intensifica-se a imagem de *Senhora*, com expressão amorosa, cavalheiresca e cortês²². É então que a ideia de *virgem* ganha relevo. Assim,

Sua dogmatização passou de Maria, “a Virgem” de Calcedônia em 451 (DH 300 e 301), para a “sempre Virgem” de Constantinopla II em 553 (DH 422 e 437), até a especificação tríplice da virgindade antes, durante

²⁰ Tal é o que se constata, por exemplo, na Declaração entre João Paulo II e Mar Dinkha IV, da Igreja Assíria Oriental, “*Dichiarazione cristologica comune tra la Chiesa Cattolica e la Chiesa assira dell’Oriente*” (11/11/1994), disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1994/november/documents/hf_jp-ii_spe_19941111_dichiarazione-cristologica.html (consulta: 05/07/2023). E entre a Igreja Católica Romana e a Federação Luterana Mundial, sobre a Doutrina da Justificação (1999), mais tarde acolhida também por outras igrejas. Ver COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-LUTERANA, *Declaração comum sobre a doutrina da justificação por graça e fé* (São Paulo, Paulinas 1999).

²¹ O II Concílio de Constantinopla (553) afirma Maria como “sempre Virgem”, de quem o Verbo nasceu (DH 422); o Papa Martinho I usou essa expressão no Concílio de Latrão (649), excomungando quem não a aceita como verdade de fé (DH 422). A mesma é afirmada nos concílios de Latrão IV (1215, DH 801), de Lião (1274, DH 852), por Paulo IV, em 1555, ao ensinar sobre a Trindade e encarnação (DH 1800), e por Pio XII ao definir o dogma da assunção, em 1950 (DH 3903).

²² C. BOFF, *Mariologia Social. O significado da Virgem para a sociedade* (Paulus, São Paulo 2006) 475.

e depois do parto no sínodo regional de Latrão em 649 (DH 503) e na bula de Paulo IV (DH 1880)²³.

No período da Reforma Protestante era comum o uso da expressão “sempre virgem”²⁴, mas a teologia protestante não a desenvolveu como faz a tradição católica romana e o protestantismo distanciou-se do pensamento dos reformadores em relação à Maria. Por exemplo, a Igreja Presbiteriana do Brasil, da família reformada, desde sua organização em 1859, se orienta pela *Confissão de Fé de Westminster* (1649), onde há referências apenas ao nascimento virginal de Jesus: “concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria”²⁵. Isso leva à discussão se Maria teve ou não outros filhos. Teólogos reformados do nosso tempo, entendem que sim, com base aos textos bíblicos que falam de “irmãos” e “irmãs” de Jesus (Mt 12, 26; Mt 13, 55-56; Mc 3, 31-35; Mc 6,3; Lc 8,19; Jo 7,5; Jo 20;17)²⁶. Sobretudo Mc 6,3 pareceria indicar que Jesus teve quatro irmãos, embora o próprio Jesus pareça tomar distância de “irmãos e irmãs” (Mc 3, 31-35) que o procuram. Outros interpretam a expressão neotestamentária “irmão de sangue” (*adelphos*) como parentes em sentido largo, como indica o termo hebraico *aha*, para irmão, primo, sobrinho, ou outro parente (cf. Gn 13,8; 29,15). O próprio Calvino responde que “Sob o termo irmãos, os hebreus incluíam todos os primos e outros parentes, quaisquer que fossem os graus de afinidade”²⁷. Mas o reformador reluta à ideia da virgindade perpétua de Maria:

Esta passagem proporcionou o pretexto para grandes perturbações, que foram introduzidas na Igreja, em um período anterior, por

²³ C. BOFF, *Mariologia Social*, 476.

²⁴ M. LUTERO, “Os Artigos de Esmalcalde” (1537), em *Livro de Concórdia* (Editora Sinodal, São Leopoldo 2016) 311 (original alemão, 1580); J. CALVINO, *As institutas*, 234; “Catecismo Maior de Westminster” (1648), em *Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil* (Cultura Cristã, São Paulo 2014) 43; MISSÃO PRESBITERIANA DO BRASIL CENTRAL, “Segunda Confissão Helvética” (1566), em *O livro de confissões* (Missão Presbiteriana do Brasil Central, São Paulo 1969) n. 0564.

²⁵ MISSÃO PRESBITERIANA DO BRASIL CENTRAL, “A Confissão de Fé de Westminster”, em *O livro de confissões*, n. 6.044.

²⁶ Cf. W. HENDRIKSEN, *Comentário do Novo Testamento: Mateus* (Cultura Cristã, São Paulo 2010) 184.

²⁷ J. CALVINO, *O evangelho segundo João*, vol. 1 (Fiel, São José dos Campos 2015) 222 (original francês, 1553).

Helvídio. A inferência que ele dá a isso era que Maria permaneceu virgem não mais do que até seu primeiro parto, e que depois ela teve outros filhos com seu marido. Jerônimo, por outro lado, sinceramente e copiosamente defendeu a virgindade perpétua de Maria. Ficamos satisfeitos com isso, que nenhuma outra justa e bem fundamentada inferência pode ser extraída destas palavras do evangelista, como o que ocorreu após o nascimento de Cristo. Ele é chamado de primogênito, mas é para o único propósito de nos informar que ele nasceu de uma virgem. Diz-se que José não a conheceu até que deu à luz ao seu filho primogênito; mas isto é limitado aquele próprio tempo. O que aconteceu depois, o historiador não nos informa²⁸.

Exegeticamente, parece não haver solução. Alguns tendem a afirmar que se Jesus foi o primogênito, Maria teria tido mais filhos; outros entendem que a primogenitura não significa que o primeiro nascido era seguido de outros filhos. *Primogênito* teria um sentido jurídico, como herdeiro da primeira e mais importante bênção paterna²⁹, e também um sentido teológico na história da salvação, ao menos em Lc 2,7, que indica o novo povo de Deus, a nova criação, de modo que Jesus, Filho de Deus é o “primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29), o primogênito das criaturas (Col 1,15.18), como filho único de Deus (Jo 1,14.18; 1Jo 4,9)³⁰. Assim é usado o termo “Mãe de Deus” (*Theotokos*) para indicar o unigênito da Virgem de Nazaré como sinal da transcendência de Deus, a sua ação salvífica enquanto Palavra salvadora dirigida à humanidade. E nesse sentido, a expressão “sempre virgem (é) uma afirmação da totalidade da ação de Deus na encarnação do Verbo”³¹.

A dificuldade exegética mostra que entender a expressão “irmãos e irmãs” de Jesus em sentido estrito é forçar o texto bíblico. Em At 1,14 e

²⁸ J. CALVINO, “Harmony of Evangelists: Matthew, Mark and Luke” (1847), SACRAD-TEXTS.COM, sd, disponível em: <https://www.sacred-texts.com/chr/calvin/cc31/cc31014.htm> (consultado: 06/06/2023).

²⁹ S. M. PERRELLA, *Non Temere di Prendere com te Maria. Maria e l'ecumenismo nel postmoderno* (San Paolo, Milano 2004) 123.

³⁰ Cf. R. LAURENTIN, *I Vangeli dell'infanzia di Cristo. La verità del Natale al di là dei miti* (San Paolo, Cisinello Balsamo 1985) 594-595.

³¹ COMISSÃO CATÓLICA-LUTERANA (EUA), “L'único Mediatore, i Santi e Maria”, em G. CERETI – J. F. PUGLISI (orgs.), *Enchiridion Oecumenicum*, vol. IV/n. 164 (EDB, Bologna 1999) 1111-1263.

1 Co 9,5, por exemplo, a expressão “irmãos do Senhor” parece designar um grupo de cristãos bem específico, oriundos da “origem judaica ligados ao *clan* nazareno de Cristo”³². Daí conclui-se que não se pode desdizer facilmente o que é afirmado sobre Maria desde a antiguidade, pela igreja indivisa, como *sempre virgem*. Então, estudos ecumênicos concluem que a Bíblia não garante nenhuma das duas posições: “é impossível provar que os irmãos e as irmãs de Jesus o fossem no sentido estrito dos termos ou, ao contrário, que se trate da família num sentido largo, composta por primos e primas”³³. Por isso deve-se evitar que o debate sobre a virgindade posterior de Maria ofusque a crença no nascimento virginal de Jesus, elemento de fé imprescindível no cristianismo.

O caminho para isso é vincular a noção de virgindade com a compreensão da graça. O texto lucano usa o termo “agraciada” (*kecharitomene*) (Lc 1, 28), que no grego é formado por um prefixo (*ke*) e um sufixo (*mene*), e o núcleo é o verbo *charitoō*, traduzido como “tornar gracioso”, “agradável” e “achar favor”³⁴. Teologicamente, graça é o “tratamento imerecido que Deus concede aos humanos; é simplesmente um transbordamento da bondade e da generosidade de Deus”³⁵. Isso possibilita compreender Maria como recipiente da graça imerecida de Deus, que nela se encarnou em Jesus Cristo, sendo a primeira cristã da história. Trata-se de um mistério, e a mãe se alegra por quem é o Salvador da própria mãe: “meu espírito se encheu de júbilo por causa de Deus, meu Salvador” (Lc 1,47). A fé reformada se embasa aqui no próprio Calvino, o qual entende que graça é Deus “conforme a Sua inefável benignidade, se oferece a nós, aflitos e perplexos”³⁶. Maria foi alvo e receptora da divina graça inefável, não a

³² S. M. PERRELLA, *Non Temere di Prendere com te Maria*, 125.

³³ GRUPO DE DOMBES, *Maria no desígnio de Deus e na comunhão dos santos*, n. 230 (Santuário, Aparecida 2005).

³⁴ M. UNGER e outros, “Favor/favor - O significado exegético das palavras do Antigo e Novo Testamento”, em *Dicionário Vine* (CPAD, Rio de Janeiro 2002) 643-644.679-680.

³⁵ M. ERICKSON, “Graça”, em *Dicionário popular de teologia* (Mundo Cristão, São Paulo 2011) 87.

³⁶ J. CALVINO, “Instrução na Fé”, em J. CALVINO, *Textos escolhidos* (Pendão Real, São Paulo 2008) 47.

fonte, como bem diz Jerônimo na Vulgata, sobre “cheia de graça” (*gratia plena*) com base a Lc 1,28:

[...] *gratia plena*, cheia de graça; não é uma má tradução, a não ser que seja interpretada erroneamente no sentido de: “Maria, você está cheia de graça, a qual está à sua disposição para outorgar a outros”. O verdadeiro sentido é: “Você está cheia da graça que recebeu [...] você é, num sentido singular, uma pessoa divinamente favorecida”³⁷.

Portanto, a virgindade perpétua de Maria só é entendida no horizonte da graça especial que ela recebeu como mãe do Salvador. Para isso ela foi preparada antes do parto, como imaculada conceição; e conservada após o parto. Atualizando o conceito *virgem* para os nossos dias³⁸, o concílio Vaticano II é sóbrio ao dizer que “consagrou sua integridade virginal” (LG 57). Os bispos católicos latino-americanos o entendem num sentido de “fecundidade” e “serviço”³⁹, com potencial para produzir frutos no amor, na fé, na esperança, na solidariedade, na missão. Virgindade não é estancamento de relações ou fechamento em si mesmo, mas abertura total às pessoas e a Deus, numa relação altruísta de amor e serviço. Virgindade é, assim, “o espaço onde brota vida nova”⁴⁰ que procede do alto, isto é, do Espírito Santo (cf. Jo 3,5-7). Assim, o que aconteceu com Maria foi “emancipação não só do «destino biológico», mas também do «império do desejo»”⁴¹ para ser totalmente disponível a Deus, que fundamenta no ser uma “autonomia que liberta”⁴². As igrejas encontraram aqui uma importante convergência sobre a vocação de toda pessoa cristã.

2.2. Os dogmas da Imaculada Conceição e Assunção de Maria

O dogma da Imaculada Conceição definido por Pio IX em 8/12/1854, afirma que “a beata Virgem Maria, por singular graça e privilégio de

³⁷ W. HENDRIKSEN, *Comentário do Novo Testamento: Lucas* (Cultura Cristã, São Paulo 2003) 124.

³⁸ É recomendável a leitura de C. BOFF, “Il significato della verginità di Maria per il nostro tempo”, em S. M. PERRELLA, *Maria Vergine e Madre. La verginità feconda di Maria tra fede, storia e teologia* (San Paolo, Milano 2003) 273-293.

³⁹ CELAM, *Puebla*, n. 294.

⁴⁰ C. BOFF, *Mariologia social*, 484.

⁴¹ C. BOFF, *Mariologia social*, 481.

⁴² C. BOFF, *Mariologia social*, 482.

Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, salvador do gênero humano, foi preservada imune de qualquer mancha de pecado original” (DH 2803). Trata-se de uma “singularíssima benevolência” (DH 2800) de Deus para com aquela que deveria ser a Mãe do Salvador, concedendo-lhe uma “plenitude de inocência e santidade” (DH 2800-2804). E o dogma da Assunção de Maria, definido por Pio XII em 15/08/1950, afirma que ela já foi resgatada da morte e chamada a participar da vida plena em Deus “de corpo e alma” (DH 3902), pela ação do próprio filho, que a tornou “imune da corrupção do sepulcro” (DH 3900.3902) e a elevou à glória do céu, na visão beatífica de Deus (DH 3902-3903). Essas definições dogmáticas inserem Maria no horizonte cristológico. A primeira como preparação para o nascimento de Cristo; a segunda no evento pascal, mostrando Maria já ressuscitada em Cristo. Ela já vive a esperança de toda pessoa cristã, estar com Cristo no Reino, onde “o veremos como ele é” (1 Jo 3,2).

Enquanto o tema da virgindade de Maria possibilita discussões com base a textos bíblicos, as definições dogmáticas nascem da vida litúrgica e devocional da igreja. Por isso é ainda mais difícil encontrar consenso entre as igrejas, que não reconhecem seu fundamento escriturístico e as criticam de colocarem Maria numa condição paralela a Cristo, que nasceu sem pecado e “subiu aos céus” (Lc 24,46). Os ortodoxos afirmam que tais dogmas são “inaceitáveis”, “desnecessários” e “ilegítimos”⁴³. São apenas “ideias teológicas” (*theologumena*), para justificar a veneração litúrgica de Maria glorificada como “mãe de Deus” (*Theotokos*). Para os protestantes, são uma exaltação indevida de Maria que ameaçam os princípios “somente Cristo, somente a Escritura, somente a graça” (*solo Christus, sola Scriptura, sola gratia*). Tais dogmas separam Maria do curso normal da natureza humana: como compreender que ela foi preservada do pecado original e se encontra de corpo e alma no céu? Se nasceu sem pecado, como compreender que foi salva por Cristo? E se não foi, questiona-se a ação salvífica universal de Cristo. As igrejas não veem a necessidade de incluir os dogmas marianos no conjunto da fé cristã e questionam Maria como símbolo da Igreja, entendendo que ela não

⁴³ GRUPO DE DOMBES, *Maria no desígnio de Deus*, n. 234.

tem na comunidade cristã um lugar e um papel que seja maior que aquele de toda pessoa batizada em Cristo.

A teologia católica tem consciência que não é fácil encontrar fundamentação bíblica clara para seus dogmas. Para afirmá-los, ela se embasa numa exegese complexiva das Escrituras, não muito explícita ou direta, e recorre à Tradição como testemunha viva da fé⁴⁴. Assim, a fundamentação bíblica dos dogmas se dá por uma noção de revelação mais implícita do que explícita nas Escrituras. Mas isso não é o suficiente para as igrejas parceiras do diálogo. É preciso buscar também outros caminhos para um entendimento comum sobre o lugar e a ação de Maria na igreja e na economia da salvação.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONVERGÊNCIAS E CONSENSOS SOBRE MARIA

Em meios ecumênicos, busca-se apontar caminhos para convergências sobre a pessoa de Maria. A base é uma mariologia desenvolvida à luz da cristologia, como afirma o Grupo de Dombes:

Nosso percurso histórico nos mostrou que a divisão entre nós aparece no momento em que Maria é isolada da fé do Cristo e da comunhão dos santos, e em que a devoção se concentra exageradamente nela. Assim, do lado católico, a “mariologia” foi indevidamente separada da cristologia e da eclesiologia [...]. Do lado protestante, se reconhece que uma justa confissão do Cristo exige uma palavra sobre Maria, em nome mesmo da encarnação⁴⁵.

Há três elementos metodológicos a serem considerados para que esse consenso se afirme nas igrejas, que mostramos a seguir.

3.1. *A perspectiva do Vaticano II*

O Concílio Vaticano II busca uma compreensão bíblica e cristã do mistério de Maria, preocupado em evitar toda “falsa exageração” (LG 67). Demonstra preocupação ecumênica, integrando Maria no mistério

⁴⁴ A. STAGLIANÒ, “L’Immacolata Concezione nella coscienza ecclesiale ecumenica. Linee di orientamento per una sintesi”, em S. DE FIORES – E. VIDAU, *Maria Santa e Immacolata segno dell’amore salvífico di Dio Trinità. Prospettive ecumeniche* (Edizione Monfortane, Roma 2000) 227-228.

⁴⁵ GRUPO DE DOMBES, *Maria no desígnio de Deus*, n. 289.

da fé cristã e da igreja com o intento de ter “uma forma e uma linguagem que a torne de fato compreensível aos irmãos separados” (UR 11). O título do cap. VIII da *Lumen gentium* é programático: “A bem-aventurada virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja”. Busca mostrar “a função da santíssima Virgem no mistério do Verbo encarnado e do corpo místico” (LG 54), situando Maria na história universal da salvação. Ela é colocada como um membro da igreja, do povo de Deus redimido. Também ela, como “Filha de Sião” (2 Rs 19,21; Mt 21,5; Jo 12,15) precisou caminhar no discipulado de Cristo e foi assistida pelo Espírito, pelo qual “avançou, progrediu, na peregrinação da fé” (LG 58). Maria foi justificada por meio da fé (Rm 3, 22-25), é “Bem-Aventurada a que acreditou” (Lc 1,45) na Palavra de Deus, participando do seu projeto com a maternidade.

É nesse sentido que Maria é tida como “cooperadora” (LG 56) no plano salvífico de Deus com o seu “ministério maternal”⁴⁶. E é “intercessora” (LG 62), a ela podemos pedir: *Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores*. Essa ação deve-se ao fato que ela “foi associada”⁴⁷ ao Redentor e tem uma mediação maternal na ação salvífica do Filho – como demonstrado em Caná. Não é nenhum papel de corredentora, pois não ocupa o lugar do “único mediador” (1 Tm 2,5-6; LG 60). Por essa razão, Maria é mãe, membro e tipo da igreja (LG 53), orientando: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Nesse ensino, o Vaticano II contribui para convergências ecumênicas mostrando que tudo em Maria vem da graça de Deus, e é uma resposta de fé a Deus. O que ela faz na igreja é fruto da graça. Tem-se, assim, Maria como modelo de um programa de vida, de seguimento e discipulado de Cristo. Assim como ela foi crescendo na fé para entender o projeto de Deus, também as igrejas vivem numa fé em progresso na obediência ao Evangelho. Nisso consiste a missão e, com Maria, também as igrejas dão glória a Deus pela redenção que realiza em Cristo, como reconhecem teólogos evangélicos:

Os desenvolvimentos mais recentes, sobretudo a recusa do Concílio Vaticano II quanto à toda noção de corredenção mariana e sua ênfase na única mediação salvífica de Cristo, permitem novamente certo

⁴⁶ B. SESBOUÉ, *Por una teología ecuménica* (Secretariado Trinitario, Salamanca 1999) 344.

⁴⁷ B. SESBOUÉ, *Por una teología ecuménica*, 354.

diálogo. A preocupação das igrejas da Reforma é preservar e afirmar a transparência total de toda a obra de Maria em função da única obra salvífica de Deus, que acontece em Jesus Cristo⁴⁸.

3.2. *Dois princípios hermenêuticos*

O Vaticano II contribui para discernir o conteúdo da fé que os dogmas marianos expressam e que requerem diálogo sobre duas questões básicas: 1) em que medida e como os dogmas marianos se integram no conjunto da fé cristã? 2) A comunhão na fé pode incluir diferentes formas de conceber Maria, independente dos dogmas católicos?

As respostas a tais questões requerem entender a comunhão eclesial em dois horizontes distintos, mas inseparáveis, o doutrinal e o jurídico. A comunhão doutrinal requer vínculo jurídico com a igreja que estabelece a doutrina. Mas isso é complicado se pretender colocar as igrejas sob a jurisdição do papa. Então há que se pensar a comunhão de fé sem implicação jurídica às outras igrejas. Tal já acontece, por exemplo, na doutrina trinitária, na cristologia, no Batismo. O Vaticano II aponta para uma fé comum com base a dois princípios: a hierarquia das verdades (UR 11); e a compreensão que unidade não é uniformidade. Por eles busca-se “integrar cada dogma no conjunto de todos os dogmas [...] e o conjunto dos dogmas na totalidade da doutrina e da vida eclesial”⁴⁹. No primeiro caso, observa-se a hierarquia das verdades, e no segundo, o critério da Tradição/*paradosis*.

O princípio da “hierarquia das verdades” coloca as doutrinas marianas em relação com a centralidade cristológica da fé, ajuda a verificar os aspectos dos dogmas marianos que mais condizem com a verdade da pessoa de Jesus, sua missão e sua Páscoa, considerando: a) a doutrina da Imaculada não é superior à verdade da divindade de Jesus, e está a seu serviço; b) é na força do Ressuscitado que Maria foi elevada a Deus, como prova do que acontecerá a toda pessoa crente em Cristo: “para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos” (2 Cor 4,10); c) e a virgindade perpétua de Maria é entendida

⁴⁸ A. BIRMELÉ, “Maria”, em P. GISEL (org.), *Enciclopédia do protestantismo* (Hagnos, São Paulo 2016) 1133.

⁴⁹ S. M. PERRELLA, *Non temere di prendere com te Maria*, 164.

no horizonte da graça crística, que não apenas a preparou para ser a mãe do Filho de Deus, mas a conservou no estado virginal em que deu à luz. A expressão “sempre virgem” expressa fidelidade incondicional ao Filho, como discípula e serva. Nisso Maria é modelo para as igrejas que buscam comunhão na fé em Cristo.

O segundo critério, a unidade no conteúdo da doutrina e diversidade nas formas de expressão, ajuda as igrejas a obterem “consenso diferenciado”⁵⁰ sobre Maria, como um acordo no conteúdo essencial do que é afirmado, mantendo diferenças na forma de expressá-lo. Esse critério serve-se da Tradição para mostrar que as afirmações sobre Maria fazem parte da história de fé das comunidades, e as definições dogmáticas apenas as reafirmam oficialmente. Na América Latina, pode-se almejar essa forma de consenso como uma unidade na diversidade reconciliada, que expressa a comunhão na fé, trabalhando os elementos que são motivos de conflito. Assim, espera-se que católicos e evangélicos do continente possam afirmar juntos: Maria é mãe de Jesus Cristo, o Filho de Deus; ela foi por Deus preparada para isso desde seu nascimento e o concebeu virginalmente; toda a sua humanidade, corpo e alma, estão plenamente realizadas na comunhão com o Filho pela graça da ressurreição; e por isso ela é modelo da Igreja. Mesmo que nem todas as igrejas usem os dogmas marianos como tais, é possível afirmar esse entendimento comum sobre o lugar de Maria na comunhão de fé cristã.

Esse consenso diferenciado não exige que católicos renunciem a especificidade mariana de sua identidade, mas também não a propõe da mesma forma aos evangélicos. Tendo os elementos essenciais da mariologia bem assentados nas igrejas, pode-se, a partir deles, fazer uma hermenêutica dos dogmas marianos contextualizados na tradição de cada igreja, considerando novas possibilidades para entender suas verdades na expressão da fé cristã na América Latina. Nisso é admissível uma correção linguística, hermenêutica e cúltica das

⁵⁰ H. MEYER, “Ecumenical consensus. Our Quest for and the Emerging Structures of Consensus”, *Gregorianum* 77 (1996) 213-225. Um exemplo marcante é a Declaração comum sobre a Doutrina da Justificação por graça e fé, afirmada entre católicos e luteranos em 1999.

doutrinas sobre Maria, para melhor compreensão, ampliação e aprofundamento em cada igreja. É preciso rever em conjunto a noção jurídica, hermenêutica, teológica e pastoral dos dogmas, ciente que eles não são um ponto final nas discussões em diferentes contextos. Fundamental é que as verdades marianas sejam acolhidas como interpretações autoritativas do Evangelho. Assim, Maria diz respeito à vida de todas as igrejas, ainda se nem todas com ela se relacionem da mesma forma. Importa que nenhuma igreja rejeite no plano da fé o que em outra igreja é verdade normativa.

3.3. *Sensibilidades marianas na teologia evangélica: aberturas na reflexão teológica*

Embora os reformadores tenham rompido com a devoção mariana, tanto Lutero quanto Calvino tiveram Maria em grande estima, reconhecendo-a como virgem pura, mãe de Deus, modelo de vida cristã⁵¹. Apresentam uma herança comum na teologia mariana, mesmo se criticam práticas católicas de então. Em nossos tempos, evangélicos perguntam-se: “Podem os cristãos evangélicos acolher a mãe de Deus?”⁵². Pesquisas atuais na teologia evangélica não dissociam Maria e a fé cristã, entendendo que “É preciso denunciar esse mal-entendido”⁵³. Pois o título *mãe de Deus* e a imagem bíblica da *virgem* são qualificativos de finalidade cristológica, mostrando que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem⁵⁴. Sobretudo na teologia em perspectiva feminista, como afirma Margaret Hebblethwaite, missionária no Paraguai, “As mulheres protestantes querem redescobrir as figuras bíblicas femininas que a tradição suprimiu e não querem que a mãe de Jesus seja posta de lado como um constrangimento”⁵⁵.

⁵¹ M. LUTERO, *Magnificat* e J. CALVINO, “Harmony of Evangelists”. Cf. Th. N. FINGER, “Mariologia”, em W. A. EWELL, *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã* (Vida Nova, São Paulo 2009) 480-481.

⁵² M. SCOT, *A Verdadeira Maria. Podem os cristãos evangélicos acolher a mãe de Jesus?* (Publicações RBC, Curitiba 2006).

⁵³ A. BIRMELE, “Maria”, 1133.

⁵⁴ A. BIRMELE, “Maria”, 1133.

⁵⁵ M. Hebblethwaite, “À Maria por Jesus: a Virgem na teologia feminista”, IHU, 31/12/2021, disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/615453-para-maria-por-jesus-a-virgem-na-%20teologia-feminista> (consulta: 30/09/2023).

Progressos no diálogo ecumênico no Brasil expressam convergências entre evangélicos no reconhecimento de Maria como exemplo de vivência da fé em Cristo, do seguimento e do discipulado, e modelo da igreja:

Considero isto plenamente possível. Para nós, protestantes, Maria é mãe de Jesus, uma mulher fundamental para o cristianismo. Nós não temos o culto a Maria, mas reconhecemos nela uma figura essencial do cristianismo. Como pastora, comprometida com o ecumenismo e com a teologia feminista, busco fortalecer a imagem de uma mulher que ousou, apesar das limitações que sua época impunha. O compromisso ecumênico me impulsiona a dialogar com outras tradições religiosas e ajudar a desconstruir discursos que usam a figura de Maria para oprimir e silenciar as mulheres⁵⁶.

Nessa direção, teólogos evangélicos no Brasil refletem sobre Maria com significativas informações bíblico-teológicas e dados históricos, criticando a falta de diálogo sobre a Virgem no protestantismo latino-americano: “Paradoxalmente, nas Igrejas da Reforma e nos grupos pentecostais que enfatizam a Bíblia como única regra de fé e prática, a profecia bíblica de Maria não tem se cumprido: ‘Doravante, as gerações todas me chamarão bem-aventurada’” (Lc 1,48)⁵⁷. O luterano, Ervino Schimidt afirma que

um diálogo sobre a compreensão de comunhão dos santos certamente contribuiria para situar Maria na nuvem das testemunhas. Nem a morte rompe a comunhão daqueles que, em Cristo, estiveram fraternalmente unidos durante sua vida.

Deve-se tomar a sério que, desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica oficialmente tem assumido uma orientação de menor euforia mariana.

De qualquer modo, também nas afirmações sobre Maria não se deve pretender unanimidade, mas aceitar um legítimo pluralismo teológico das diversas igrejas⁵⁸.

⁵⁶ S. G. MOTA, “Maria de todas nós – uma visão protestante”, Entrevista com Sônia Mota, CEBI 14/03/2013, disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/maria-de-todas-nos-uma-visao-protestante/> (consulta: 25/06/2023).

⁵⁷ C. J. KLEIN, *Maria na Teologia e na História da Igreja* (Fonte, São Paulo 2012) 158.

⁵⁸ E. SCHIMDT, “A Bem-Aventurada Virgem Maria e a Busca da Unidade”, *Espaços* 4/12 (1996) 175-176.

Na Argentina, o Sínodo da Igrejas Evangélica Valdense de Rio de la Plata mostra sintonia com o professor valdense italiano Fúlvio Ferraro, que afirma: “Na Reforma, aceitamos a virgindade de Maria [...] e consideramos seus primos os chamados irmãos de Jesus [...], rezamos com Maria, como Maria, mas não para Maria”⁵⁹. E na Colômbia, o Movimento de Irmãos Menonitas declara: “A Virgem Maria é hoje, para a comunidade menonita, um paradigma, um desafio e um modelo a seguir para o crente”⁶⁰. E continua:

Juntos, graças a Deus, as tradições cristãs continuam a se aproximar, não mais em um ambiente hostil, mas com o desejo de reconciliação que tanto caracterizou o ministério de Jesus. À medida que o diálogo continua, Maria continua sendo o tipo de crente que luta com sua cultura e com a Palavra de Deus para colocá-la em prática. Poderia ser um ponto de encontro e desafio para as duas tradições⁶¹.

Essas referências evangélicas latino-americanas à Maria impulsionam a perseverança no diálogo ecumênico. O desafio maior se expressa nos meios pentecostais. Contudo, abrem-se brechas também aí, como se observa no teólogo da Assembleia de Deus, Roberto dos Santos:

Maria deve ser lembrada no cristianismo como a Mãe de Jesus, o Deus revelado na história; ela deve ser lembrada como a serva obediente da palavra de Deus ao dizer Sim; ela deve ser lembrada como o vaso mais sagrado de todos os seres humanos por ter sido o tabernáculo de Deus; ela deve ser lembrada como o maior exemplo de serviço a Deus. Mas nunca Maria deve ser lembrada como redentora, salvadora, imaculada⁶².

⁵⁹ F. FERRARIO, “Mary As seen by orthodox, protestants, and catholics”, ZENIT ORG, 15/05/2003, disponível em: <https://zenit.org/2003/05/15/mary-as-seen-by-orthodox-protestants-and-catholics/> (consulta: 27/06/2023).

⁶⁰ C. GARCIA, “La Virgen María. Desde una Perspectiva Menonita” (Universidad de San Buenaventura, Hermanos Menonitas de Colombia 2005), disponível em: <http://www.anabaptistwiki.org/mediawiki/images/b/b7/Lavirgenmariadesdeunaperspectivamenonita.pdf> (consulta: 12/06/2023).

⁶¹ C. GARCIA, “La Virgen María”.

⁶² R. DOS SANTOS, “O significado de Maria para a igreja evangélica”, WEB ARTIGOS, 06/08/2011, disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-significado-de-maria-para-a-igreja-evangelica/75067> (consulta: 27/06/2023).

Comunidades católicas podem se reconhecer nas palavras de Santos, exceto a negação de Maria Imaculada. O pentecostalismo é uma força na América-Latina, tendo a Assembleia de Deus como uma de suas maiores expressões. Em 2016, foi aprovada a nova *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, e dentre as novidades está a inserção dos Credos Ecumênicos (Credo Apostólico, Credo de Atanásio, Credo Niceno, Credo Niceno-constantinopolitano)⁶³. Importa observar que nesses documentos há referências importantes sobre Maria no plano divino para o nascimento do Messias, o que permite buscar o diálogo também em meios pentecostais.

3.3.1. Apoio de convergências mariológicas mundiais

As aberturas que se observa na teologia de evangélicos/as latino-americanos/as são fortalecidas por convergências já estabelecidas no diálogo ecumênico em âmbito mundial. Assim é sobre as expressões “Nasceu da Virgem Maria”, presente no Credo Apostólico e “Mãe de Deus”, presente no Concílio de Éfeso (431), vinculadas à fé cristã e por isso são aceitas pela quase totalidade das igrejas cristãs históricas. Maria como símbolo da Igreja é acolhida no âmbito do Conselho Mundial de Igrejas, pois “desde os primeiros séculos, ela [Maria] tem sido considerada a representante da Filha de Sião esperando a realização das promessas messiânicas e da vinda do Reino”⁶⁴. Uma mariologia ecumênica na América Latina ganha impulso também do diálogo internacional católico-anglicano, que orienta:

- Qualquer interpretação do papel de Maria não deve obscurecer a única mediação de Cristo;
- Qualquer consideração sobre Maria deve estar ligada às doutrinas de Cristo e da Igreja;
- Reconhecemos a Bem-Aventurada Virgem Maria como *Theotókos*, a mãe de Deus encarnada, e, portanto, observamos suas festas e concedemos a ela seu lugar de honra entre os santos;
- Maria foi preparada pela graça para ser a mãe do nosso Redentor, por quem ela mesma foi redimida e recebida na glória;

⁶³ CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (Casa Publicadora das Assembleias de Deus, São Paulo 2016).

⁶⁴ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, *A confissão de fé apostólica* (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, Porto Alegre 1993) 69.

- Reconhecemos Maria como modelo de santidade, fé e obediência para todos os cristãos e;
- Maria pode ser vista como uma figura profética da Igreja⁶⁵.

O que se conclui do diálogo ecumênico em âmbito mundial é um consenso amplo no conteúdo, no espírito e na finalidade dos dogmas marianos relacionados com o Evangelho. Também na América Latina, teólogos evangélicos entendem as expressões acima vinculadas à “essência da fé cristã”⁶⁶. É de se esperar que o diálogo ecumênico nesse continente permita compreender que a essência dos dogmas marianos mostra Maria como “cheia de graça” (*kecharitôméne*) (Lc 1,28). Tudo em Maria é “somente graça” (*solo gratia*), e a soberania de Deus atuando em Cristo é o que lhe assegura ser o que é, Mãe do salvador e virgem, livre e salva pelo Filho. Também Maria precisou acreditar no projeto de Deus: “feliz aquela que acreditou” (Lc 1,45), e foi fortalecida no Espírito que “desce” sobre ela (cf. Lc 1,35) tornando-a disponível para o dar o “sim” (*fiat*). E “o que lhe foi dito da parte do senhor será cumprido” (Lc 1,45). Com base a isso, poderiam as igrejas evangélicas nesse continente compreender os dogmas marianos como expressões consequentes do fato bíblico? E que o sentido das expressões “mediadora”, “intercessora” e “cooperadora” em nada diminui o poder universal de Deus na salvação? A resposta exige que o diálogo entre as igrejas enfrente serenamente a teologia mariana, e que tal seja acompanhada por práticas que expressem o reconhecimento de Maria como exemplo da vida cristã também para as comunidades evangélicas.

3.3.2. *Sensibilidades marianas na espiritualidade evangélica*

A valorização teológica de Maria em alguns meios evangélicos na América Latina abre espaço para práticas espirituais que expressam a fé em Deus, considerando algum favorecimento de Maria para isso. Nas últimas décadas surgiu o Rosário Luterano para orações devocionais, adotado informalmente em algumas delas. O pastor luterano colombiano Cristian Camilo Piedrahita, em seu blog diz:

⁶⁵ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA, *Maria: Graça e Esperança em Cristo*, 59-60.

⁶⁶ C. J. KLEIN, *Maria na teologia e na história da igreja*, 162.

“nossa tradição luterana também tem um Rosário no qual meditamos os mistérios rezando a Jesus acompanhados pela Bem-Aventurada Virgem Maria”⁶⁷. O Apostolado Luterano Brasil, projeto missionário ligado ao Sínodo Luterano de Wisconsin (EUA), em sua página web em português orienta:

O rosário luterano não difere muito do rosário católico romano. A essencial diferença é usar a oração de Jesus: “Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, tende misericórdia de mim, pecador” (ou versão semelhante) em vez de se orar a “Ave-Maria”. E ao fim, na medalha, em vez de rezar a “Salve Rainha” se diz uma oração do coração ou a “Ave-Maria” dos tempos de Lutero (é só a primeira parte, acabando em Jesus [...] ou O Magnificat ou a prece evangélica de Lutero à Mãe de Deus⁶⁸.

O livro de liturgia da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, *Book of Common Worship*, faz referências litúrgicas à Virgem, definindo datas para a Festa da Anunciação, a Visitação de Maria a Isabel e a apresentação do Senhor, além de uma oração de Ação de Graças pelos heróis e heroínas do cristianismo, como Maria, a mãe do Salvador⁶⁹. Essa Igreja americana mantém projetos comuns com igrejas na América Latina, e o livro litúrgico é aqui utilizado, ao menos em partes. É o que se constata com o hino 234 do *Hinário Presbiteriano*:

Quem é o pequeno a repousar
 Nos braços de Maria,
 A quem os anjos vêm cantar
 Os hinos de alegria?
 É este Jesus o Rei
 Que anuncia a paz a quem Deus quer bem.
 Da virgem eleita é filho,
 Jesus, que nasceu em Belém⁷⁰.

Sabe-se que a liturgia mariana é comum nos meios anglicanos. O atual *Livro de Oração Comum* da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil,

⁶⁷ C. C. PIEDRAHITA, “El rosario luterano”, disponível em: http://padrecristian.mex.tl/2156192_Rosario-Luterano.html (consulta: 03/07/2023).

⁶⁸ “Como rezar o rosário luterano?”, Bogspot *Luterano*, disponível em: <http://luteranode.blogspot.com/p/como-rezar-o-rosario-luterano.html> (consulta: 05/07/2023).

⁶⁹ PRESBYTERIAN CHURCH (USA), *Book of Common Worship, Daily Prayer* (Westminster John Knox Press, Louisville KY 1993).

⁷⁰ C. A. B. MARRA (ed), *Hinário Presbiteriano* (Cultura Cristã, São Paulo 2000) 205.

cita 31 de maio como Festa da “Visitação da Bem-Aventurada Virgem Maria”, e 15 de agosto como Festa da “Bem-Aventurada Virgem Maria”⁷¹. E no seu hinário de 1962, o hino 107 tem ricas referências à “Virgem”:

Honra demos a Maria, Virgem bem-aventurada.
 Adoremos a seu filho, luz do céu a nós mandada.
 Deus-menino veio à terra, Virgem-Mãe lhe deu beleza.
 Fez-se carne o eterno Verbo, Nossa é dele a natureza.
 Honra ao filho de Maria! Em seu lar de piedade,
 Nem pobreza, nem fadiga, nele impedem a bondade
 Seu amor à mãe bendita é constante, puro e forte;
 Se deveres os separam, nela pensa até na morte.
 Toda a glória ao Pai se oferte, toda a glória ao Filho seja,
 Toda a glória ao Paráclito – cante sempre a santa Igreja.
 Essa mesma trilogia, lá no céu Maria entoa,
 Repetida pelos santos, pela terra inteira ecoa!⁷²

Essas práticas litúrgicas em meios protestantes latino-americanos favorecem o diálogo com a doutrina católica sobre Maria. É de se esperar que tal progrida, de modo que as igrejas possam alimentar sua fé em Cristo realizando juntas o que Maria orienta: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

4. HERMENÊUTICA ECUMÊNICA DAS DOCTRINAS MARIANAS NA AMÉRICA LATINA

As convergências teológicas amplas e iniciativas litúrgicas acima vistas, ainda que tímidas, incentivam para uma revisão dos dogmas marianos em perspectiva latino-americana. Para isso, é preciso superar entraves para o diálogo como, da parte católica, possíveis exageros devocionais; e, da parte protestante, é preciso se dispor ao diálogo sereno sobre Maria no contexto da teologia da santidade da vida cristã. É importante observar como estudos de evangélicos contribuem para isso, refletindo sobre o entendimento da maternidade virginal de Maria, sua cooperação na obra redentora de Cristo, sua

⁷¹ IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, *Livro de Oração Comum* (Paulus Gráfica, Porto Alegre 2015) 1010-1012.

⁷² IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, *Hinário* (Metrópole, Porto Alegre 1962) 107.

concepção e assunção, Maria como mãe da Igreja⁷³. Esse fato estimula a rever os dogmas em perspectiva ecumênica latino-americana.

4.1. Maternidade virginal de Maria como paradigma ecumênico

A maternidade de Maria, referendada no Concílio de Éfeso (431), provoca as igrejas na América Latina a encarnarem a Palavra, tornarem-na concreta em estruturas de comunhão, nas doutrinas da fé comum, na cooperação em projetos de missão libertadora. Como Maria é mãe segundo o Espírito, também as igrejas são chamadas a se deixarem interpelar e mover pelo Espírito, com uma fé operante que se transforma em ação “pela caridade” (Gl 5,6). Elas expressam o rosto maternal de Deus para toda a humanidade, particularmente para quem tem sua vida ameaçada pela injustiça. Maria “gera” o Verbo, o encarna e o presentifica na história da humanidade, fortalecendo as igrejas latino-americanas a serem “geradoras” de vida no Espírito de Cristo.

Também a virgindade de Maria é um paradigma ecumênico, inspirando as igrejas a serem fecundas na vida de comunhão, reconciliação e paz. Como Maria, a fé das igrejas não pode ser violentada nem corrompida. Isso impele as igrejas a recuperarem o estado original da comunhão em que viviam, sem o pecado da divisão, tendo a virgindade como símbolo de autonomia e liberdade em relação às tentações mundanas, como o poder, que traem o Evangelho e as dividem. A Virgem Maria fortalece as igrejas à fidelidade a Cristo, guardando de forma íntegra e pura a Palavra dada ao esposo (cf. LG 64).

4.2. A Imaculada Conceição como paradigma ecumênico

A iconografia cristã mostra a Imaculada como mulher forte, que esmaga a cabeça de uma serpente, luta contra o dragão e o vence com sua santidade e beleza (Ap 12,1-2). Isso se deve a uma graça original que a preparou desde o início da vida para vencer o pecado, presente na raiz de toda opressão. Assim, Maria inspira as igrejas na luta para vencer o pecado, monstruoso, da divisão. A Imaculada Conceição mostra a graça das origens da igreja, a unidade e santidade perfeitas,

⁷³ Cf. C. J. KLEIN, *Maria na Teologia e na História da Igreja*, 166-174.

pela ação de Deus que a prepara, conserva e sustenta. Esta vocação originária da igreja antecede as divisões e revela a sua estrutura original. O ecumenismo quer expressar o ser imaculado da igreja, como una e santa, expressando-o na fé comum em Cristo. Portanto, o pecado da separação não é definitivo, a igreja pode ser curada das feridas da divisão, viver o perdão e a reconciliação, e cantar com Maria: “O Todo Poderoso fez grandes coisas a meu favor” (Lc 1,49). Maria Imaculada inspira as igrejas à vigilância constante na vida de santidade e na unidade em Cristo. A Igreja una é chamada a ser como a esposa “gloriosa, sem mancha nem rugas, mas santa e irrepreensível” (Ef 5,27).

4.3. A Assunção de Maria como paradigma ecumênico

Este dogma mostra que a força da ressurreição de Jesus (Fl 3,10) atua no mundo, em cada pessoa e nas igrejas. E já tem efeitos positivos, sendo Maria Assunta o primeiro deles, testemunhando a esperança dos efeitos pascais nas igrejas. Elas fazem a *passagem* da morte causada pela divisão, à vida de comunhão e reconciliação possibilitada pelo Espírito do Ressuscitado. A comunhão no Ressuscitado é central, seja num sentido antropológico, como realização integral de todo ser humano em Deus, corpo e alma; seja num sentido cósmico, pois n’Ele Deus “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5), e todo o universo é chamado a dar glória a Deus; ou, ainda, num sentido eclesiológico, sendo a igreja expressão da vida nova em Cristo.

Uma vez assuntas a Deus, integradas no seu Amor que as reconcilia, as igrejas podem com Maria parafrasear Paulo, em 1 Cor 15,54: ó divisão, “onde está a tua vitória”? A reintegração da unidade entre corpo e alma na Assunta fortalece a confiança na reconciliação das estruturas eclesiais hoje divididas e em conflito. Maria Assunta mostra a possibilidade da reconciliação dos contrários, das oposições, das exclusões, como testemunho neste mundo da assunção a Deus que será plena na dimensão escatológica.

5. MARIA COMO PROJETO ECUMÊNICO LIBERTADOR

5.1. *Maria, solidária às pessoas empobrecidas e injustiçadas*

Maria inspira a unidade entre as igrejas como serviço aos povos latino-americanos. Como Maria, elas desenvolvem uma sensibilidade apurada para com os necessitados (Jo 2,3); vão ao encontro deles (Lc 1,39); reconhecem os feitos de Deus a favor do povo (Lc 1,46-48). São igreja em saída para um mundo carente de justiça, de comunhão e da defesa da criação. Maria inspira um ecumenismo diaconal na América Latina, favorecendo a inclusão de quem é descartado pelo mercado globalizado, ou discriminado por motivos ideológicos ou pretensamente religiosos. Encontram-se aqui, particularmente, as pessoas negras, indígenas, empobrecidas, as mulheres. A pastora presbiteriana brasileira, Sônia Mota, entende que, para essas pessoas,

Maria é uma mulher forte que enfrentou as lutas do cotidiano pela sobrevivência: fazia parte da população que vivia em um contexto de pobreza e opressão; uma mulher corajosa e de fé que, por conhecer bem a realidade em que vivia e, apesar de todo contexto desfavorável, aceitou uma missão difícil para ajudar em um processo de libertação: ser a mãe de Jesus. Também é uma mulher que é solidária e comprometida com sua gente e que canta a libertação mostrando que o projeto de Deus é outro, a profetisa que motivou Jesus a realizar seu primeiro milagre. É discípula que não abandonou ou fugiu quando as coisas ficaram difíceis, e acompanhou o sofrimento e morte do filho, morto injustamente. É a líder que estava presente na fundação da primeira comunidade em Jerusalém⁷⁴.

Para isso, as igrejas podem compreender o Magnificat como paradigma ecumênico, que as une num canto e numa prática de promoção da dignidade humana e da defesa da criação. Em 1987, uma declaração ecumênica emitida por 32 mulheres cristãs de 16 países da região da Ásia e do Pacífico, afirmou que “o Magnificat é o ponto de encontro para o ecumenismo, pois os cristãos se unem para trabalhar para libertar os pobres e todas as vítimas da injustiça”⁷⁵. Entoando

⁷⁴ S. G. MOTA, “Maria de todas nós – uma visão protestante”, 2013.

⁷⁵ CONFERÊNCIA DA SINGAPURA, “Summary statement on feminist mariology”, em U. KING (ed.), *Feminist Theology from the Third World: A Reader* (Orbis Press, Maryknoll NY 1994) 271-275.

juntas esse canto, as igrejas permitem que ele incida nas doutrinas, nas estruturas e nos projetos de missão, tornando-as solidárias com todos os pobres e sofredores, e proclamando juntas a libertação de toda forma de opressão social⁷⁶. A graça de Deus manifestada em Cristo liberta das amarras do pecado, da violência, da divisão. O Magnificat anuncia mudanças socioculturais, morais, políticas e econômicas, e é “o ponto culminante”⁷⁷ da espiritualidade vivida pelas pessoas simples e “pobres de Deus” (*anawim*). Nele as igrejas são como Maria, uma “figura concreta em que culmina toda libertação”⁷⁸.

Assim, Maria mostra como o povo de Deus deve a Ele confiar, louvar e servir. Com Maria o povo fiel aprende que não deve ter medo quando as coisas parecem inexplicáveis, frente às adversidades, os projetos de injustiça e morte no mundo, nem ter angústia diante dos desafios do chamado divino. Deus assiste e fortalece a resposta das igrejas ao apelo para a missão de reconciliação, justiça e paz, entre elas e no mundo.

5.2. O impulso ecumênico da teologia feminista

O lugar e o papel de Maria na vida cristã e da igreja é trabalhado particularmente pela teologia feminista. A teóloga protestante Margaret Hebblethwaite, entende que no mistério da encarnação do filho de Deus em Maria sem a participação de homem, “o fim do patriarcado é anunciado”⁷⁹, e a visita de Maria à Isabel expressa a solidariedade existente entre as mulheres. Para Hebblethwaite, em algumas circunstâncias Maria antecede o ministério de Jesus, como na encarnação quando ela pronunciou as palavras “seja feita a tua vontade”, repetidas por Jesus no Getsêmani, e nas bodas de Canã, quando ela influenciou decisivamente no primeiro milagre de Jesus. Tais fatos, entre outros, mostra que “é hora de reivindicarmos e celebrarmos a presença do Espírito nas mulheres”⁸⁰, o que as faz protagonistas da própria história, nas igrejas e na sociedade.

⁷⁶ CELAM, *Documento de Puebla*, n. 302.

⁷⁷ CELAM, *Documento de Puebla*, n. 297.

⁷⁸ CELAM *Documento de Puebla*, n. 333.

⁷⁹ M. HEBBLETHWAITE, “À Maria por Jesus: a Virgem na teologia feminista”.

⁸⁰ M. HEBBLETHWAITE, “À Maria por Jesus: a Virgem na teologia feminista”.

Para isso, a teologia feminista, usa o método da desconstrução de categorias, linguagens, hermenêuticas e paradigmas sustentados em metáforas patriarcais que construíram uma imagem de Deus com dogmas androcêntricos e sexistas, legitimando a exclusão das mulheres das instâncias de poder de decisão das igrejas e das sociedades⁸¹. Busca-se, assim, transformar as estruturas injustas e a própria teologia, visando transformações socioeclesiais coerentes com a pregação do Reino de igualdade, comunhão, justiça e paz⁸².

O ingresso das mulheres no ministério das igrejas protestantes contribui para que muitas dessas superem uma postura hostil à Maria. Busca-se redescobrir a figura bíblica feminina suprimida pela tradição dogmática. Tanto os dogmas católicos quanto a desvalorização de Maria no meio protestante, podem justificar a exclusão das mulheres nas igrejas. E em meios evangélicos entende-se que “a igreja evangélica, em sua espiritualidade deve, por sua vez, aprender na missão de Maria a busca por uma teologia feminista moderada, onde o papel da mulher na igreja e na sociedade reflita submissão e devoção ao Senhor Jesus Cristo”⁸³. É preciso dialogar com Santos para entender a expressão “moderada”. Mas é importante a referência de um teólogo pentecostal à Maria, solidário às mulheres que desenvolvem a teologia e a espiritualidade na perspectiva feminista. Santos enfatiza que para isso a “figura de Maria na teologia evangélica não pode ficar à margem [...] uma religiosidade inferior ou submissa a desconfiança de uma espiritualidade sindicalizada, que, às vezes, pode levar a redução da revelação”⁸⁴. E isso está em sintonia ao que teólogas feministas buscam: “Que Deus tenha seu próprio rosto materno. Que Miriam, a mulher galileia, reúna-se à comunidade dos discípulos”⁸⁵.

⁸¹ L. TOMITA, “A Teologia feminista libertadora: deslocamentos epistemológicos”, em *Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Anais eletrônico, disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278455084_ARQUIVO_FAZENDOGENERO.final.pdf (consulta 30/09/2023).

⁸² E. SCHÜSSLER FIORENZA, *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação* (Editora Vozes, Petrópolis 1995).

⁸³ R. DOS SANTOS, “O significado de Maria para a igreja evangélica”, 2011.

⁸⁴ R. DOS SANTOS, “O significado de Maria para a igreja evangélica”, 2011.

⁸⁵ E. A. JOHNSON, *Truly Our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints* (Continuum, New York 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia mariana é um elemento importante para o entendimento da fé cristã. Maria não aponta para si mesma, mas para Cristo e seu Evangelho. E assim como por Cristo entendemos os desígnios divinos para toda a humanidade, a partir d'Ele entende-se os mistérios de Maria. As igrejas na América Latina são convocadas a reconhecerem juntas a figura bíblica de Maria, como afirma o pastor batista americano, mas crescido na Argentina, Russel George: “Os evangélicos aceitam tudo o que a Bíblia diz sobre Maria [...]. Se houvesse evangélicos que não acreditam na Virgem Maria, seria estranho”⁸⁶. A partir disso, colhe-se contribuições ecumênicas fundamentais para as igrejas, pois Maria não é apenas um fato bíblico, é também eclesial. Ela ajuda a ser igreja-mãe que acolhe, cuida, protege e orienta nos caminhos do Filho de Deus; igreja discípula de Jesus no serviço à vida da humanidade; igreja que progride na perfeição da fidelidade e pureza do Evangelho, como a Virgem; igreja que se eleva a Deus na esperança da realização escatológica, como a Assunta; igreja que entoia o hino de louvor a Deus pela ação libertadora, justa e reconciliadora. A condição de discípula e de serva que Maria assumiu em relação a Jesus, sua presença constante na vida do filho, da concepção até a cruz (Jo 19,25), é exemplo de perseverança no testemunho que as igrejas dão do Evangelho aos povos latino-americanos. E, desse modo, elas podem melhor compreender, por Maria, o mistério da encarnação do Filho de Deus como pilar da fé Cristã.

⁸⁶ R. GEORGE, “Los evangélicos también creen en la Virgen María”, LITERATURABAUTISTA.COM, 17/03/2011, disponível em: <https://www.literaturabautista.com/los-evangelicos-tambien-creen-en-la-virgen-maria/> (consulta: 03/07/2023).